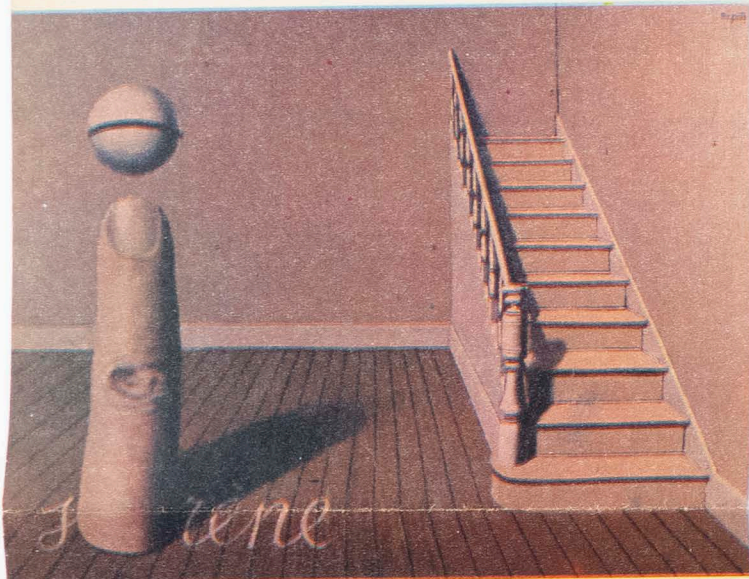


Paris abre as portas de um dos seus principais museus para documentar a história do movimento que revolucionou a arte e transformou o homem através do absurdo

SURREALISMO

50 anos de loucuras

Texto de IVAN ALVES • Fotos de PEDRO PINHEIRO GUIMARÃES e ALÉCIO DE ANDRADE • (Da nossa Sucursal em Paris — Via VARIG)



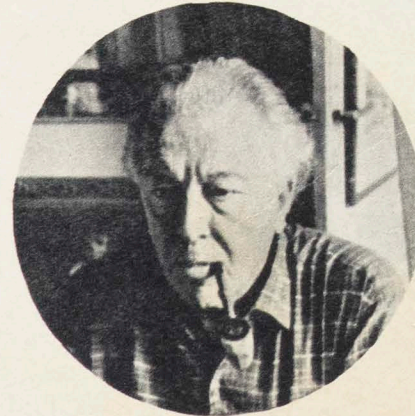
Num recorde só superado pela exposição das obras de Van Gogh, centenas de milhares de parisienses estão afluindo ao Museu de Artes Decorativas, atraídos pela mostra retrospectiva dos cinquenta anos de Surrealismo, movimento nascido na capital francesa no começo da década de 20. Quadros e poemas aparentemente sem nexos, inspirados no fantástico e na busca do inconsciente, testemunham para as novas gerações a evolução de uma corrente artística que sacudiu a opinião mundial e cujo objetivo, no plano da literatura e das artes plásticas, foi o de exprimir o pensamento puro, excluindo a lógica e todas as preocupações morais e estéticas.



DESDE a sua ruidosa irrupção, nos anos 20, quando propôs uma revisão sistemática de todas as manifestações artísticas, o Surrealismo tem sido considerado como um esnobismo intelectual, uma distorção do espírito ou uma tomada de posição de elementos desajustados, empenhados em chocar o público a qualquer preço. Tornava-se mais fácil, já aí, lançar o anátema simplista contra os renovadores do que analisar a sério a sua experiência. Eles surgiam, no entanto, com um objetivo bem definido: libertar o homem das engrenagens de um processo civilizatório classificado a partir de então como extremamente utilitarista. Segundo André Breton, o principal líder da rebelião, impunha-se abandonar o automatismo das formas tradicionais e pesquisar o fundo da alma humana, liberando os seus instintos recalçados. Os surrealistas manipulavam, em consequência, as descobertas científicas de Freud, incorporando-as ao domínio da arte, em cujo quadro complexo, elas também passaram a se expressar, sob as angústias e perplexidades de uma geração saída de um conflito mundial.

SEGUE

Ao alto, L'Usage de la Parole (1936), de René Magritte, cria a sensação angustiante dos espaços vazios. Acima, Les Mains aux Oiseaux (1925), de Max Ernst.



Da esquerda para a direita, os propulsores do Surrealismo: os poetas Louis Aragon e André Breton e o pintor Salvador Dalí.

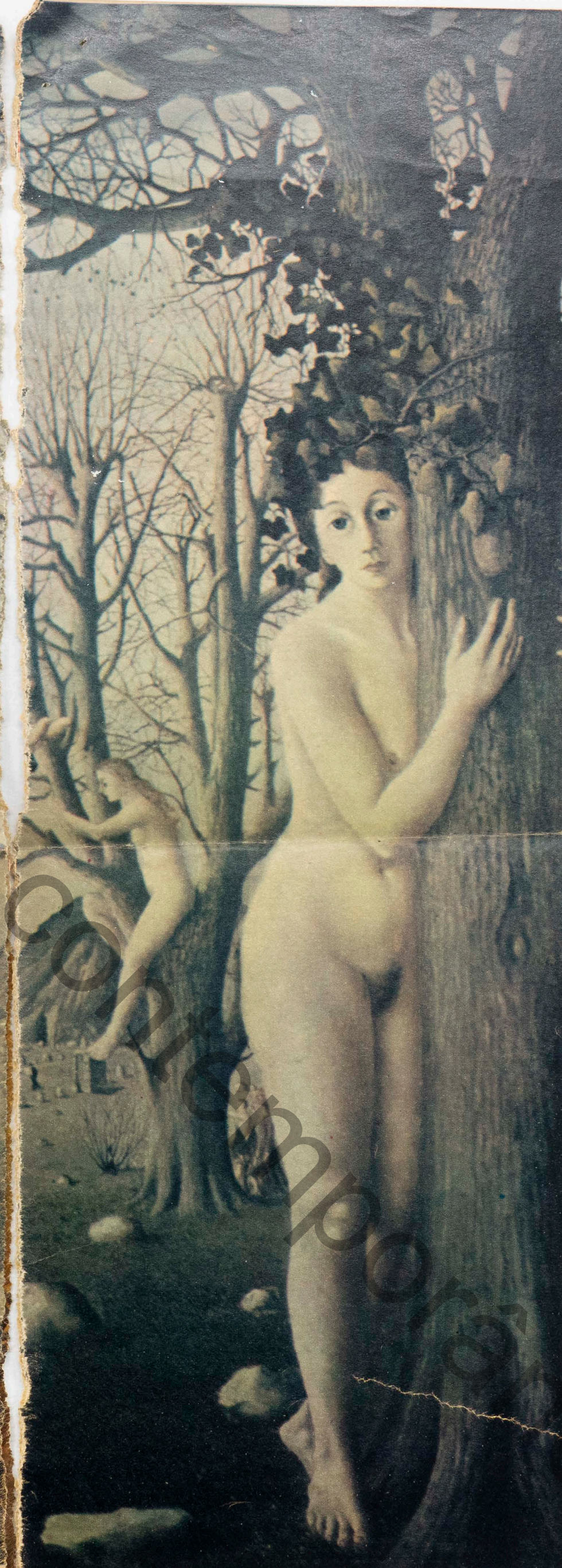


À direita, Nu Dans la Plaine de Rosas (1942), tela de Salvador Dalí que resume as intenções surrealistas de espaço infinito e erotismo.





L'Homme de la Rue (1940) é uma tela do belga Paul Delvaux que contém os principais ingredientes do Surrealismo freudiano:



atmosfera de sonho, erotismo, figuras nuas e uma paisagem irreal.

OS SURREALISTAS TENTAVAM EXPRESSAR COMO FUNCIONAVA A MENTE HUMANA SEM O CONTROLE DA RAZÃO

O movimento, que só viria a se implantar formalmente no primeiro pós-guerra do século XX, teve vários precursores remotos, como Alfred de Vigny, que procurou dar um conteúdo filosófico às suas obras, e, de acordo com Baudelaire, Victor Hugo, a quem ele atribuiu o mérito de tentar devassar o mistério da vida, enquanto o próprio poeta de *As Flores do Mal* influenciava Rimbaud, que viveu tragicamente os conflitos existenciais e estéticos que acabariam provocando a erosão das velhas escolas e desaguando no Surrealismo. "Ninguém mais do que ele — assinalou Breton, referindo-se a Rimbaud — se insurgiu contra a condição humana e denunciou o contencioso das hipocrisias sociais."

SEGUE



De cima para baixo: Rêve au Long Cour (1926), de Georges Malkine, e Le Couple (1924), de Max Ernst (à esquerda); Le Thérapeute (1937), de René Magritte, Idylle (1923), de Francis Picabia, e Kabyline en Mouvement (1933), de Victor Brauner (acima). A temática é uma só, mas os meios diferem.

OS SURREALISTAS ACHAVAM QUE O EROTISMO ERA "A GRANDE FORÇA A ALTURA DO HOMEM DO ESPAÇO E A ÚNICA HABILITADA A CONDUZI-LO ALÉM DAS ESTRELAS"

A TRAVES de sua contestação, começou a ruir a racionalidade de que se impregnava o conjunto das artes. Mas o surrealismo, que tivera no ultra-romantismo uma de suas fontes, se desligaria dele, trilhando o seu próprio caminho. Os surrealistas queriam ir além das visões fantásticas — e foram.

A busca de uma nova concepção artística condicionou o aparecimento em Paris de revistas como *Sic*, lançada por Pierre-Albert Birot em 1916. No ano seguinte, Pierre Reverdy fundou a *Nord-Sud*, onde colaboraram, entre outros, Apollinaire, Max Jacob e Louis Aragon. Mas foi sobretudo em *Littérature*, título irônico de uma publicação tão antiliterária quanto possível, que o surrealismo começou a definir os seus contornos. Desde os primeiros números, seus diretores — André Breton, Philippe Soupault e Louis Aragon — conduziram um inquérito, sob o título *Pourquoi Ecrivez-Vous?*, visando a evidenciar a precariedade dos projetos artísticos e literários, enquanto permaneciam sem solução problemas a seu ver fundamentais, como o do sentido da existência humana. Eles reclamavam uma leitura crítica dos acontecimentos, para que, a partir daí, se elaborasse uma nova arte. Esse mesmo desprezo pela atividade artística e igual nihilismo intelectual se propagavam nos EUA, onde Marcel Duchamp colocava sua assinatura sobre objetos já feitos — *ready made* —, como bengaleiros e rodas de bicicleta.

O pintor francês Francis Picabia divulgou a sua posição na Europa e o convocou para trabalhar ao seu lado. À sua chegada a Zurique, Suíça, Marcel Duchamp aderiu imediatamente ao movimento *dadaísta*, que teve como precursores os poetas romenos Urmuz, J. Costine, M. Janco e Tristan Tzara. Através do dadaísmo, ligaram-se todos aqueles que pretendiam romper com a rotina: Philippe

O belga René Magritte pertence ao surrealismo da década de 20. Sua técnica é realista, de uma perfeição acadêmica. O choque que provoca surge das relações insólitas, dos elementos absurdos que ele coloca nos quadros, como nos dois exemplos acima.

Soupault, o grupo de *Littérature*, bem como Pierre Reverdy e Jean Cocteau. O dadaísmo era a consequência do estado de espírito de seres desesperados pela destruição dos homens e do mundo e que não criam em mais nada de estável e permanente. Foi num café em Zurique, em 1916, que Tzara inventou a palavra *dada*, que entusiasmou seus colegas pela insignificância mesmo das duas sílabas. Os dadaístas assimilaram profundamente as inquietações que se seguiram a I Guerra Mundial e seu movimento refletiu a pesquisa de uma fórmula de vida. Não somente suas obras, mas também a sua própria existência constituiu um desafio à hermética moral da sociedade então vigente.

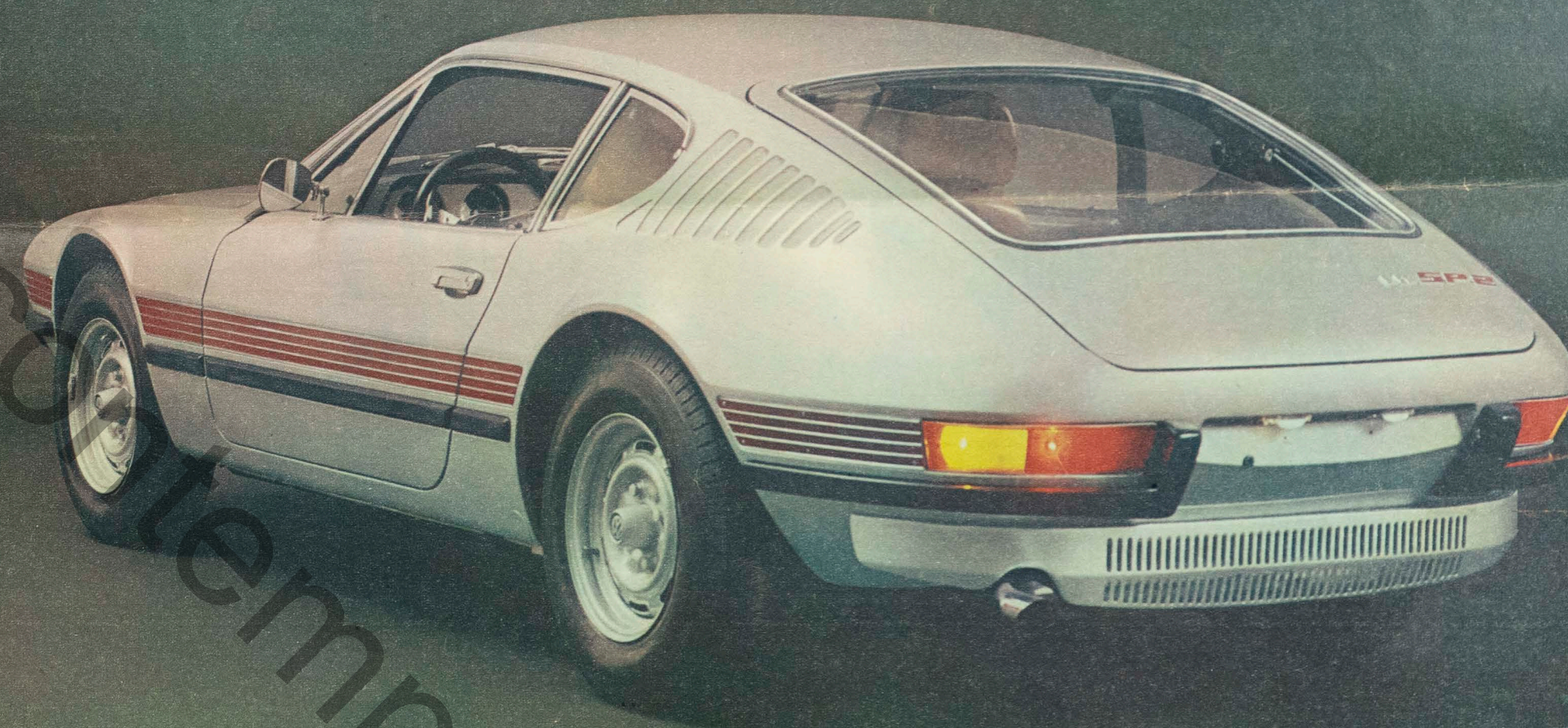
Os *dadas* — talvez os ancestrais dos *hippies* de hoje — lutavam para escandalizar a opinião mundial e sacudir a sua letargia. Toda a escala tradicional de valores foi suprimida e toda distinção entre o que se devia ou não se devia dizer (ou fazer) foi abolida, porque caucionavam os interesses da ordem capitalista. Em 1920, o dadaísmo desapareceria, evoluindo dialeticamente para o surrealismo, que, antes de absorvê-lo, o depurou dos excessos que conduziram inevitavelmente à sua autodestruição. Só assim começou a divulgação mundial do protesto.

Ao escândalo, à revolta anárquica, sucedeu um estudo metódico do que se chamou de *Surréal*. André Breton, apoiado por Louis Aragon, Paul Éluard, Philippe Soupault e Max Ernst, aos quais se juntaram Jacques Baron, Robert Desnos, Pierre de Massot, Max Morise, Pierre Unik e Roger Vitrac, transformou-se no chefe desse movimento, que haveria de se instaurar com a exploração do inconsciente. *Les Champs Magnétiques*, escrito em colaboração por André Breton e Philippe Soupault, apareceu em 1921.

INVENTARIAVAM-SE ali os objetivos centrais do surrealismo, ao mesmo tempo em que se insistia numa crítica rude às "alienações da arte burguesa, vítima, há longos anos, de um processo irreversível de deterioração em todos os seus setores". Com *Les Champs Magnétiques*, o surrealismo tentava estruturar-se definitivamente.

SEGUIE

Este é o famoso jeitinho brasileiro.



O brasileiro sempre viveu reservando surpresas ao mundo. Mas desta vez ele surpreendeu a si mesmo. Ele criou um desses carros de sonho que até agora a gente só via em revistas. Fez o Volkswagen SP. Um carro que, mesmo sendo um sonho, v. pode ver com os olhos abertos. Aliás, bem abertos no momento em que v. entrar nele.

Olhe os bancos individuais tipo concha, com encosto para a cabeça. Olhe o acabamento interno das portas. O tapete de buclê de nylon, o console com botões tipo teclado. Segure o volante de desenho esportivo, revestido de napa. Sinta o charme e o veneno de um carro 100% brasileiro. Principalmente o veneno: é só pisar no acelerador

para ver como é linda a sua arrancada. Tão linda quanto o estilo de suas linhas. Mesmo porque até de dentro do SP a gente pode ver a beleza dessas linhas: basta olhar para a cara das pessoas que estão por fora. Será que elas estão admirando a faixa refletiva vermelha? Ou aquela outra, de borracha, que dá volta no

carro todo? Ou será que elas estão sonhando também em ter uma máquina igual a essa? Se alguém conseguir vencer a timidez e tocar no assunto com v., não seja egoísta. Diga para ele passar logo em qualquer Revendedor Autorizado VW. Lá, a gente dá um jeitinho.



VW SP1/VW SP2



insulit

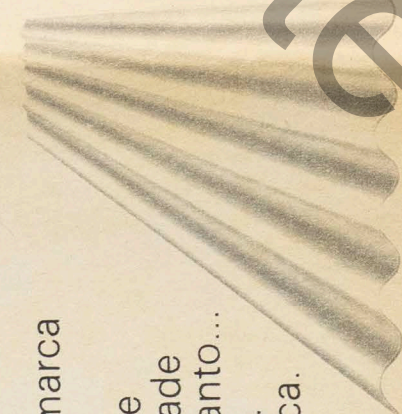
LEGÍTIMO CIMENTO-AMIANTO BRASILIT 6 mm

TELHA COM FIRMA RECONHECIDA

Ela está na borda das telhas de 6 e 8 mm porque é a própria Brasilit quem faz questão de responder por sua qualidade — hoje, amanhã, sempre.



6 e 8 mm



Telhas Brasilit trazem agora a marca estampada na borda. Para você levar tudo aquilo que representa a tradicional qualidade Brasilit: legítimo cimento-amianto... duplo Controle de Qualidade... permanente Assistência Técnica. Ao comprar não esqueça de exigir a marca.

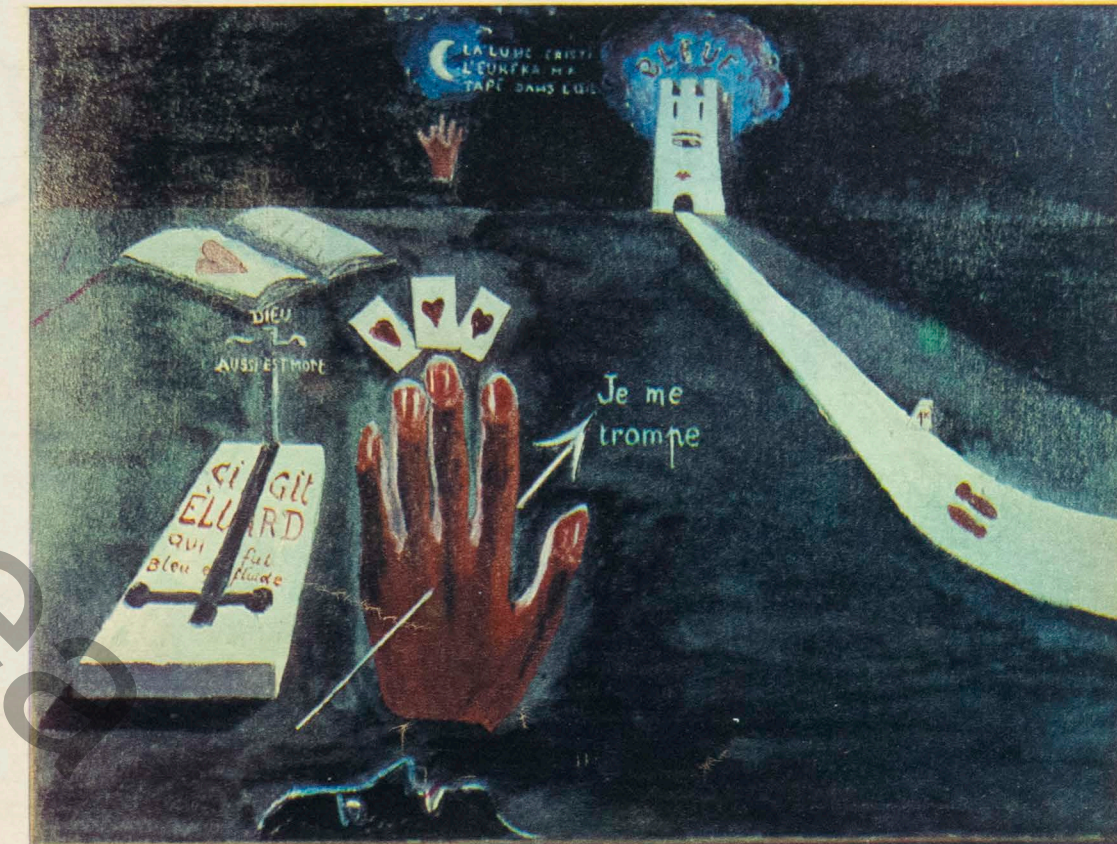
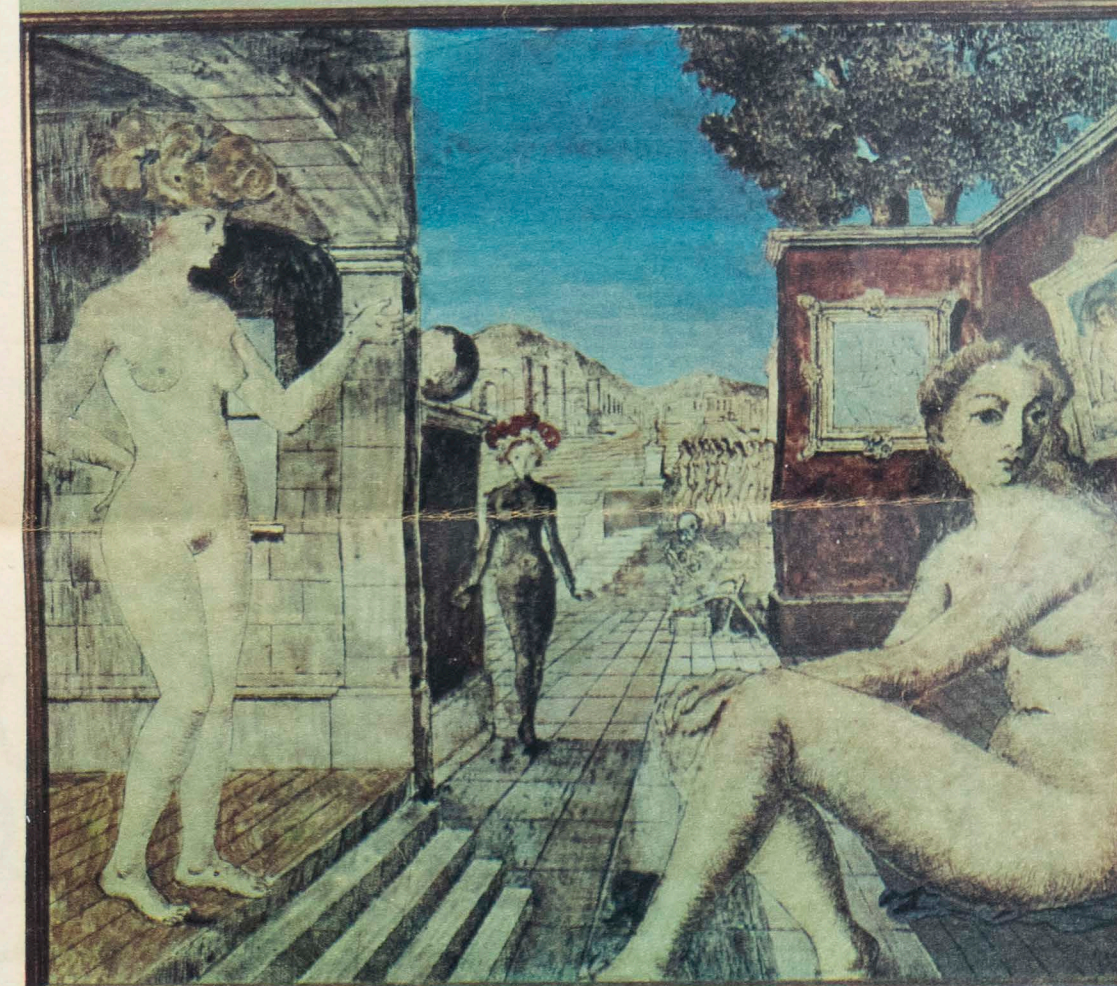
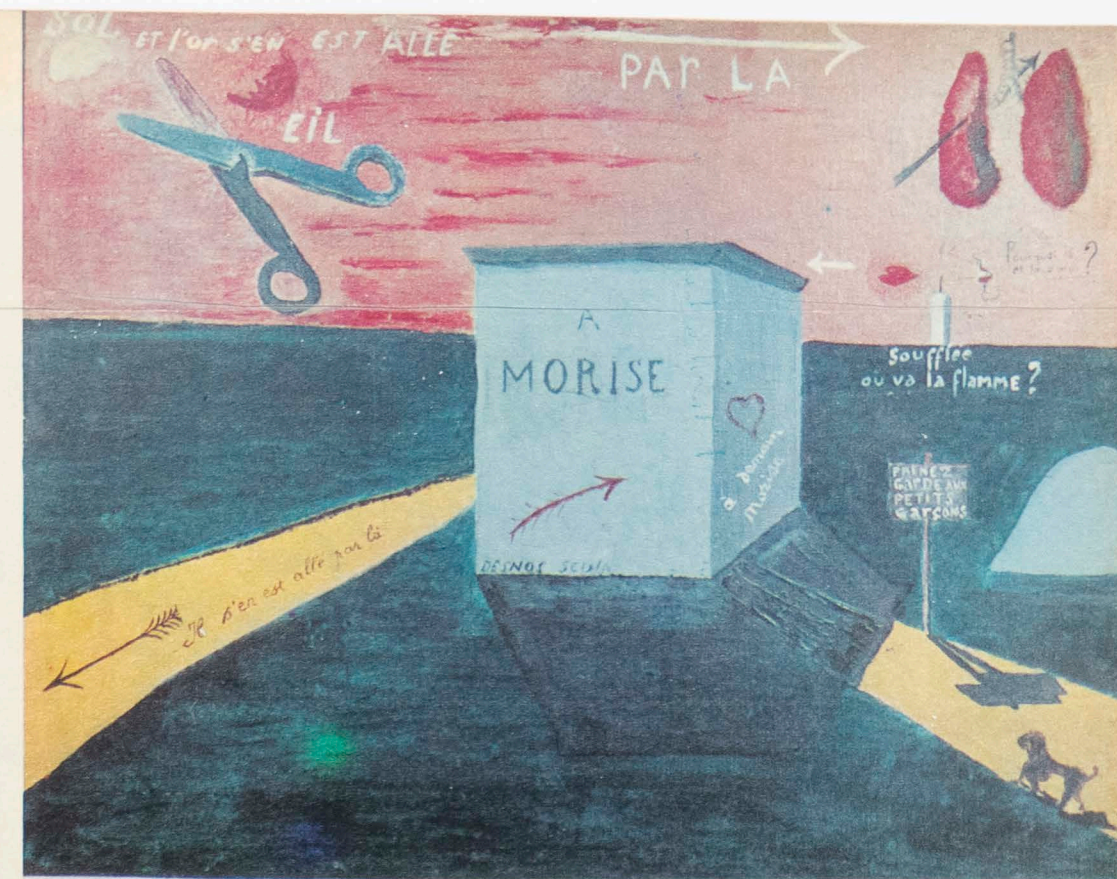
PREGANDO A LIBERDADE DA MENTE HUMANA E A SUBVERSAO DA MORAL TRADICIONAL, OS SURREALISTAS REALIZARAM UMA TRANSFORMAÇÃO ARTISTICA QUE PROVOCOU AS MAIS FORTES POLÊMICAS

NÃO se tratava, a partir daí, de uma doutrina niilista. As teses afloravam à superfície do debate. Respaldados em princípios marxistas, Breton e Aragon reconheciam que o romantismo interpretara, nos séculos XVIII e XIX, as necessidades e condições da época. Com o enriquecimento do processo civilizatório, no qual intervinham as conquistas incessantes do desenvolvimento industrial e tecnológico, tornava-se impraticável reproduzir a realidade, ou tratá-la criticamente dentro dos limites restritivos da escola romântica. O tempo e o espaço, em função do caráter dinâmico da civilização moderna, extravasavam de seu contexto estático. Os surrealistas observavam, em consequência, que aquelas duas componentes — o tempo e o espaço — não poderiam ser mais manipuladas dentro das escalas tradicionais, que ignoravam os novos materiais existentes. Citavam vários exemplos: como transplantar para a tela uma paisagem vista do interior de um automóvel que desenvolvia uma velocidade horária de cem quilômetros? Como se fixaria o espetáculo de uma cidade bombardeada por aviões? E porque as mesmas cores e os mesmos traços simétricos deveriam continuar retratando a angústia humana, que extrapolava para o quadro de doenças até então desconhecidas pela ciência? Segundo a inteligência que extraíam do problema, os surrealistas preconizavam o estupro dessas convenções em benefício de um conceito atualizado de arte. Tal como faria Pablo Picasso, quinze anos depois, na reprodução do martírio de Guernica, a humilde cidade basca arrasada em 1937 pelas bombas da aviação nazista.

FOI na *Littérature*, a revista pioneira de 1918, ressuscitada em 1922, que voltaram a se exprimir as pesquisas dos surrealistas. Já então, o inconformismo de Breton e seus companheiros

se disseminara pelo mundo, alcançando inclusive o Brasil através do Movimento de Arte Moderna, em que pese a certas diferenças qualitativas, de forma e de fundo, do processo artístico deflagrado em São Paulo. O grupo continuaria crescendo, agora com as adesões de Maxime Alexandre, Antonin Artaud, Joseph Delteil, Francis Gérard, André Masson, Pierre Naville e Max Noll. Ao fim de algum tempo de militância, Breton expulsa os discípulos que se deixaram tentar pela glória literária ou pela política, pois entendia que a atividade surrealista era, por essência, desinteressada. Defensor de sua pureza, ele eliminou todos "aqueles que explicitamente ou não desmereceram a liberdade". Assim se separou de início de Jean Cocteau, Jean Paulhan, Raymond Radiguet, Jules Romains e Paul Valéry, devido à grande tiragem de suas obras. Chirico, em 1936, Salvador Dalí, acusados de se terem convertido ao fascismo, e Joseph Delteil, por conversão ao catolicismo, são excluídos posteriormente. Dezoito anos mais tarde, Max Ernst é igualmente afastado, por ter recebido o Grande Prêmio de Pintura da Bienal de Veneza.

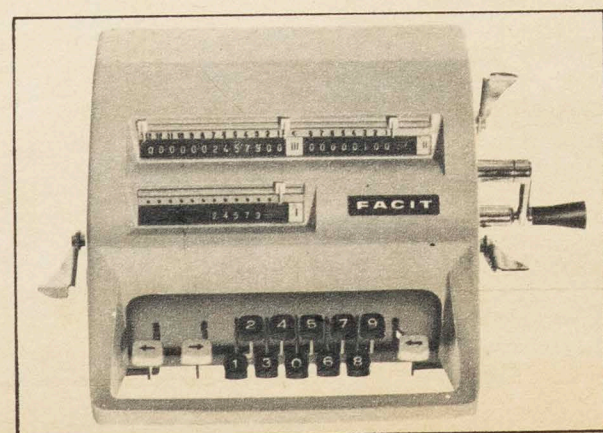
EM 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista, ao mesmo tempo em que funda o Bureau de Recherches Surréalistes. Surge a seguir a revista *Révolution Surréaliste*, dirigida por Pierre Naville e Benjamin Péret, onde se lêem textos de sonhos e respostas a inquéritos sobre o suicídio e o amor. Na parte opinativa, Paul Claudel e Anatole France são implacavelmente criticados por "sua ortodoxia artística, tributária dos grandes interesses da classe dominante". Em 1929, edita-se o Segundo Manifesto do Surrealismo, onde André Breton precisa sua posição política. Ele investe contra vários discípulos, notadamente contra Antonin Artaud, que, por ostentação, segundo pensa, quis fazer representar na sede da Embaixada da Suécia *Le Songe*, de Strindberg. Ocorrem outros rompimentos — com Philippe Soupault e Robert Desnos, que, absorvidos pela literatura automática, se desinteressam dos problemas concretos. A esta época, Louis Aragon, Paul Eluard e Pierre Unik são considerados os únicos elementos puros dentro da escola surrealista.



De cima para baixo: Mort de Max Morise (1923), de Robert Desnos, Jeunes Femmes Dans un Paysage Classique (1940), de Paul Delvaux, e Cig-git Eluard (1922), de Desnos. Os títulos são sempre exóticos.

Segundo a Facitinha, temos só mais oito dias de caminhada...

Com a Facitinha nas mãos você nunca se perde. Ela o auxilia em praticamente todos os tipos de cálculos. É leve, portátil, robusta. E trabalha com uma velocidade sete vezes maior que qualquer cabeça. Isso significa que você vai ter sete vezes mais tempo para fazer o resto. Quando precisar de uma máquina de calcular, use a cabeça. Compre uma Facitinha. Depois, use a cabeça para pensar em coisas ainda mais importantes do que fazer contas.



FACITINHA

DEPOIS DE LUTAREM JUNTOS CONTRA OS PRECONCEITOS BURGUESES, OS SURREALISTAS PASSARAM A BRIGAR ENTRE SI, AGREDINDO-SE MUTUAMENTE COM OS PIORES INSULTOS

UMA revista como *Le Grand Jeu*, que, na via aberta por Rimbaud, trata do Surrealismo sob um aspecto esotérico místico, também é classificada como uma heresia. Para Breton, não se impunha uma evasão para um mundo extraterrestre, "mas de fazer obra positiva na Terra". Seu projeto essencial é agir praticamente sobre os fatos, prosseguindo nas pesquisas sobre a atividade interior do espírito, tal como o testemunha a publicação, em 1930, de *L'Immaculée Conception*, escrita em colaboração com Paul Éluard. Mas todos os antigos membros do Surrealismo o dizem morto, num panfleto intitulado *O Cadáver*. Breton não se deixa abater: ao seu lado estão Luis Buñuel, René Char, Georges Hugnet, poetas de talento, e pintores como Salvador Dalí (com quem se reconciliara) e Yves Tanguy. Já em 1928 ele havia analisado suas obras no livro *Le Surréalisme et la Peinture*. Breton aprofunda sua atividade revolucionária e sua revista toma o título de *Surréalisme au Service de la Révolution*, que era menos um rótulo de publicação que uma definição política. Ali se publicam textos de Salvador Dalí sobre a exploração do inconsciente que ele afirmava ter descoberto. Um novo conflito haveria, no entanto, de cindir os meios surrealistas: em 1930, Louis Aragon retorna do Congresso de Kharkov convertido ao marxismo-leninismo. Paul Éluard e Georges Hugnet se engajam na mesma conduta política e por isso são, como Aragon, marginalizados da comunidade surrealista. Em 1935, em *Position Politique du Surréalisme*, Breton defende a independência do artista em relação à sociedade e a sistemas políticos determinados. Ele não está só. Solidarizam-se com sua orientação Salvador Dalí, Max Ernest, Yves Tanguy, Hans Arp, Alberto Giacometti, Joan Miró, Man Ray e outros. O movimento se expande por todo o mundo: inauguram-se exposições em Londres e Nova Iorque, Breton faz conferências na Suíça, na Alemanha, apesar do nazismo em ascensão, e nas Canárias. Em 1938, entrevista-se com Leon Trotsky no México e, num artigo publicado no *Minotaure*, se levanta contra "o nacionalismo na arte".

Péret permanece em Paris até 1941, quando se transfere para o México. Breton acaba também por eleger o caminho dos Estados Unidos, onde escreve em 1942 *Les Prolégomènes à Un Troisième ou Non* e, em seguida, *Arcane-17*. Retornando a Paris em 1947, reafirma sua posição: com o recrudescimento dos apetites materiais, impunha-se cada vez mais a busca do inconsciente.

A corrente parece então canalizar-se para o rumo de um conhecimento do universo oculto. Passa a ser editada a *Communication Surréaliste*, cuja nova série se intitula *Médium*, e em 1957 é publicado o último livro de Breton, *L'Art Magique*. Trata-se sempre de promover "uma maior libertação do homem". As revistas se sucedem, pois respondem às "solicitações diversas de um público indefinido". Em 1960, organiza-se em Paris a *Exposition Internationale du Surrealismo*, cujo tema central foi o erotismo, "única força à altura do homem do espaço e a única habilitada a conduzi-lo além das estrelas". Breton, no entanto, só poderia desaprová-lo, como o fez com veemência, uma mostra como a montada em Paris, em 1964, que pretendia situar o Surrealismo diante de certas fontes e estabelecer arbitrariamente algumas de suas afinidades. Respondeu no ano seguinte com uma manifestação de combate, que intitulou *L'Ecart Absolu*. Em 28 de setembro de 1966, morreu o célebre mestre do Surrealismo. Seus discípulos perseveraram em seu apostolado artístico, rejeitando tudo o que parece estável e imutável no plano da linguagem e das criações plásticas e audiovisuais. Cinquenta anos após a deflagração do movimento, irrigado pelas perplexidades e angústias da época, sua fecundidade não pode ser contestada. O Surrealismo soube aventurar-se até os domínios estranhos dos quais apenas se começa a perceber a intensa mensagem poética.

EM 1939, rebenta a II Guerra Mundial. Salvador Dalí e Yves Tanguy partem para os Estados Unidos; Benjamin



Por sua espuma, seu perfume e sua qualidade, são os preferidos do mundo elegante.

os sabonetes
PROMESA
MADERAS • MAJA

MYRURGIA